# RIO GRAMAME

O Rio Gramame recebe diariamente rejeitos industriais, domésticos e da agricultura: os assentamentos do entorno não têm coleta de esgoto e a própria CAGEPA (Companhia de Água e Esgotos da Paraíba) já foi responsável pelo vazamento de 40 mil litros de soda cáustica no rio. Hoje, há mais de 29 metais pesados na água, entre eles, o mercúrio, em quantidade bem maior que os níveis aceitáveis. A partir da década de 80, mobilizações informais das comunidades tradicionais, que sofriam com a exclusão social, começaram a surgir e em 2004 a população ribeirinha se mobilizou reivindicando melhorias na qualidade de vida da região. Surgem então o *Movimento Ocupe o Gramame*, o *Fórum Permanente de Proteção do Gramame*, a *Comissão de Articulação do Gramame*, o *Coletivo Guardiões do Gramame* e a *Escola Viva Olho do Tempo*. Atualmente, existe uma campanha permanente: *O Rio Gramame Quer Viver em Águas Limpas*, com o objetivo de dar visibilidade a esta causa tão imprescindível, já que 60% da população de João Pessoa bebe a água do Gramame. Se o descaso permanecer, o cenário futuro é de colapso no abastecimento da cidade.

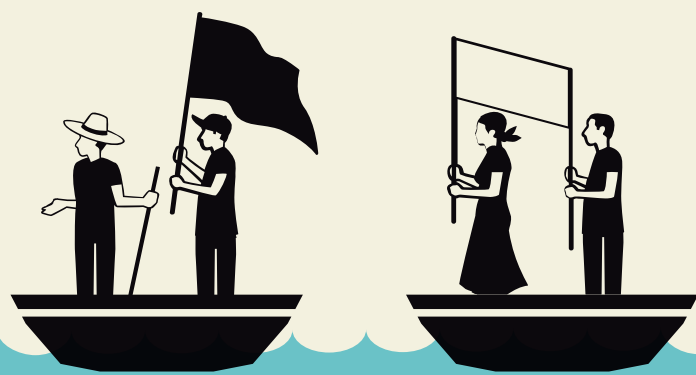
# RIO JAGUARIBE

O Rio Jaguaribe atravessa a cidade de João Pessoa de sul a norte e teve a nascente original e seu curso alterados ao longo do crescimento da cidade. O assoreamento, retificação e retirada da mata ciliar são os principais problemas do rio, oriundos de uma má gestão e ocupação desordenada das suas margens. A contaminação das suas águas resulta de poluição por rejeitos e difusa, ou seja, do lançamento irregular de esgotos e do lançamento de lixo nas várzeas e no rio. Por estes motivos, o rio deixou de ser fonte de abastecimento e de sustento, inviabilizando a atividade de pesca. Nos períodos de chuva, o nível de seu leito aumenta causando inundações, enxurradas e alagamentos que geram transtorno nas comunidades ribeirinhas do Timbó, São José e Salinas Ribamar, ocasionando problemas de mobilidade, salubridade e desalojamento de famílias. É urgente o tratamento adequado de drenagem e saneamento às margens do Jaguaribe, para que o rio se torne vivo novamente.

# RIO SANHAUÁ

A cidade de João Pessoa nasceu às margens do Rio Sanhauá, onde também se localiza o antigo porto comercial do Capim. Desde a migração das atividades portuárias para Cabedelo, há 80 anos, a comunidade ribeirinha tradicional do Porto do Capim ocupa as margens do Sanhauá, tendo neste período contribuído para a recuperação do mangue e desenvolvido relações sócio-culturais com a área, como a tradicional procissão e barqueada de N. Sra. Conceição, que a cada 8 de dezembro passa pela Rua do Porto do Capim e embarca em pequenas canoas no Trapiche, rumo à Ilha da Santa, no Sanhauá. A comunidade do Porto do Capim sofre com o despejo de esgoto da cidade no rio e por projetos urbanos encabeçados pela Prefeitura. A reurbanização do Parque da Lagoa canalizou sua drenagem para o rio causando risco de alagamento na comunidade, hoje ameaçada pela implementação do "Parque Ecológico Sanhauá", que pretende expulsar aproximadamente 160 famílias que residem há 4 gerações no território. O projeto também prevê a supressão de mais de 500 m² de vegetação nativa em Área de Preservação Permanente (APP). A resistência tem sido feita pela *Associação de Mulheres do Porto do Capim*, *Garças do Sanhauá* e moradores da Comunidade do S.

# CORAIS E PONTA DOS SEIXAS

Os corais estão ameaçados pelo turismo predatório no Seixas, Picãozinho e Bessa. Estão adoecendo com a poluição dos catamarãs, emissão de efluentes e com o impacto do número de turistas que pisam nos corais. No Seixas, menos de 7% dos corais estão ainda saudáveis. É para a Ponta do Seixas e para a Barreira do Cabo Branco, região de formação geológica sensível, que a Prefeitura Municipal de João Pessoa pretende direcionar os investimentos em turismo de luxo, como resorts, nas bordas do Parque Estadual das Trilhas, reserva de Mata Atlântica que sustenta a barreira em pé. A exploração turística e imobiliária da área pode trazer consequências desastrosas como a erosão da barreira, danificando os corais, e prejudicando os aquíferos responsáveis por 18% do abastecimento de água de João Pessoa. Sua deterioração ameaça as comunidades tradicionais como Jacarapé e Tabajara. As comunidades do Seixas e Penha enfrentam problemas com o uso insustentável dos recursos naturais, o turismo predatório, que acaba interferindo na dinâmica da pesca artesanal, e a forte pressão imobiliária, com a implantação de condomínios de alto padrão. A *Associação de Proteção aos Amigos da Natureza (APAN)* e a Associação dos Pescadores do Seixas atuam em favor da preservação ambiental da região.

DENTRO DO MAR TEM RIOS QUE DESÁGUAM EM NÓS

HÁ CORAIS QUE EMBRANQUECEM COMO SE JÁ FOSSE TEMPO DE MORRER

COM MEDO DA OLEOSA MANCHA ESCURA DA INSANIDADE ANTRÓPICA

BROTA EM NÓS A ESPERANÇA DE RENASCER A FLORESTA

PARA DESATAR OS NÓS EM NOSSAS GARGANTAS

SOMOS COMUNS, SOMOS UNS NOS OUTROS

SOMOS VIDA.

Dema Camazzo

# ESGOTAR

ACABAR__CHEGAR AO LIMITE__TRANSBORDAR__SATURAR

A gota do esgotamento, do esgoto, dos limites da ação, da falta de ação.

O transbordar de um comum, um oceano saturado até a última gota d'água.

O mapear da necessidade de uma mínima gota de ação, tal qual a fábula do beija-flor, que gota a gota se esforça para abrandar as chamas que inflamam seu solo.

A contra-cartografia de um bem vital e também de uma memória, a memória de uma cidade que nasceu no Rio, do Rio e fluiu ao mar.

Um olhar para além do recurso, para o direito de uma posse coletiva, pois todo direito é proporcional à responsabilidade e a responsabilidade também é um bem comum.

Portanto, se recorre ao caráter simbólico que a própria água traduz e nos ensina sobre a lei do retorno - pois do mesmo modo que a maré traz, ela leva.

# MAPEANDO O COMUM URBANO

Este mapa é fruto de um trabalho coletivo realizado entre os dias 21 e 26 de outubro de 2019 no âmbito do curso Mapeando o Comum Urbano do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e do projeto de extensão do Departamento de Geociências, ambos da Universidade Federal da Paraíba. O curso propôs um método de laboratório interdisciplinar, desenvolvido anteriormente em várias cidades do mundo, onde encontram-se para trabalhar juntos arquitetos, geógrafos, ativistas, artistas visuais, cientistas sociais e estudantes de diferentes cursos.

Quatro principais bens comuns ameaçados da cidade de João Pessoa foram identificados e parametrizados: o Rio Gramame, que é a principal fonte de abastecimento de água da região metropolitana e se encontra poluído pelos agrotóxicos da agricultura e rejeitos industriais; o Rio Jaguaribe, que atravessa a cidade de sul a norte recebendo esgotos domésticos e resíduos advindos do sistema de drenagem da cidade; o Rio Sanhauá e o Porto do Capim, berço e patrimônio histórico da cidade, são alvos recentes da especulação imobiliária e do turismo predatório; e por fim o sistema de falésias do Cabo Branco, margeado por recifes de corais, que vem sendo destruído pela supressão da Mata Atlântica e pelas consequencias do sistema inadequado de drenagem urbana.

# CRÉDITOS

**Coordenação:** Pablo DeSoto, Letícia Palazzi Perez, Andrea Porto Sales, Paulo Rossi.

**Projeto Gráfico:** Yumi Nsh, Rodolfo Santana e Raissa Monteiro.

**Contribuição:** Adelmar Barbosa, Aline Ramalho, Alessandra Soares, Ana Beatriz Nóbrega, Andrea Cavalcanti, Arthur Chacon, Aurora Caballero, Beatriz Pires, Danielle Guimarães, Eleonora Paoli, Elisa Carneiro, Flávia Bezerra, Gabriella Almeida de Oliveira, Guilherme Cavalcanti, Ian Coelho, Ivana Accioly, Ivanildo Santana, Izanilde Barbosa da Silva, Jailma Carvalho, Jessica Rabello, João Batista, João Luiz Carolino, Lincoln Almeida, Maria Carmen Cavalcanti, Maria Heloísa Oliveira, Mariana Daltro, Mariana Oliveira, Mariana Ribas, Marilia Dornellas, Matheus Pontes, Mirelli Gomes, Nilton Fernandes, Rafaella Dantas, Ricardo Bruno Cunha Campos, Sidney Pereira, Yan Azevedo, Yanna Garcia.

**Agradecimentos:** Espaço Cultural José Lins do Rêgo.

**Instagram:** @projetogotadagua
http://mappingthecommons.net

**Organização:**

(DGEOC)
Departamento de Geociências

**Apoio:**

iesp